

**Patrimônio arqueológico na paisagem do
leste de Mato Grosso: notícias de pesquisas em
Sangradouro e contexto da Serra do Roncador**

*Archaeological Heritage in the landscape of
Eastern Mato Grosso: News about the Research
Projects in Sangradouro and the Context of the
Serra do Roncador*

EMÍLIA MARIKO KASHIMOTO¹

LILIAM DE OLIVEIRA VITORINO²

MARGARIDA AUGUSTA DE ALMEIDA BISPO²

EDSON LUÍS SANTIAMI³

¹ Doutora em Arqueologia, Universidade Católica Dom Bosco/
Museu Dom Bosco/Laboratório de Pesquisas Arqueológicas –
UCDB/MDB/LABPAR; Pesquisadora do MCT/CNPq.

² Acadêmicas do curso de História/UCDB

³ Acadêmico do curso de Geografia/UCDB

RESUMO **ABSTRACT**

Este artigo apresenta resultados obtidos em pesquisas arqueológicas desenvolvidas no leste do Estado de Mato Grosso, especialmente em uma aldeia de agricultores ceramistas referenciada pela datação 1.130 ± 110 anos B.P. (sítio Ribeirão Sangradouro Grande 1) e em um sítio com gravuras rupestres (Abrigo Córrego Seco 1), observando-se a problemática das tradições arqueológicas definidas no tocante à porção central do Brasil.

This article shows the results from the archaeological researches developed in the eastern side of the State of Mato Grosso, especially in a village of farmers and ceramists cited by the dating 1.130 ± 110 years B.P. (site Ribeirão Sangradouro Grande 1) and in a site with ancient drawings (Abrigo Córrego Seco 1), where we noticed the problems of the definite archaeological traditions in relation to the central portion of Brazil.

PALAVRAS-CHAVE **KEY WORDS**

Leste de Mato Grosso
Sangradouro
Cerâmica arqueológica

*Eastern Mato Grosso
Sangradouro
Archaeological ceramics*

1. INTRODUÇÃO

Em janeiro de 1960, a equipe do Museu Regional Dom Bosco empreendeu uma expedição ao *Čibáe E-iári*, ou Toca das Araracangas - situada entre os rios Itiquira e Correntes, cerca de 100 km ao norte de Coxim - para verificar informações acerca de estruturas funerárias indígenas. Os trabalhos resultaram na identificação de um sepultamento Bororo em cesta funerária, que passou a integrar o precioso acervo etnográfico então em constituição nesse Museu, conforme a descrição efetuada por Pe. César Albisetti e Pe. Ângelo Jayme Venturelli, na monumental obra *Enciclopédia Bororo*.

Os achados relativos à cultura material indígena prosseguiram, no tocante ao passado pré-colonial da região. Ressalta-se, neste contexto, a localização de material cerâmico e lítico arqueológico em Sangradouro, por Pe. Bartolomeo Giaccaria, quando a abertura da BR-070 seccionou o sítio arqueológico enfocado no presente artigo. Esse religioso também identificou cavernas, nas Reservas Indígenas Kuluene e São Marcos, com arte rupestre e recipientes cerâmicos, bem como lâminas de machado polido e fragmentos de cerâmica arqueológica nos rios das Mortes e Paraíso. Os remanescentes cerâmicos na Missão Salesiana de São Marcos também foram descritos por Me. Cosma Salvatore. Parte desses vestígios arqueológicos, testemunhos do antigo povoamento do contexto Alto Araguaia/Serra do Roncador, integram o acervo do Museu Dom Bosco.

No âmbito das comemorações do cinquentenário do Museu Dom Bosco, referenciando-se os quarenta anos do achado no *Čibáe e-iári*, em outubro de 2000, iniciou-se, no âmbito da Universidade Católica Dom Bosco/Museu Dom Bosco/Laboratório de Pesquisas Arqueológicas-UC-DB/MDB/LABPAR, a implementação de um projeto de pesquisa relativo ao sítio arqueológico Ribeirão Sangradouro Grande 1, localizado, este, na propriedade da Missão Salesiana (General Carneiro/Poxoréo-MT).

No período 2000/2002, os procedimentos adotados abrangeram escavações desse sítio, bem como análise e curadoria do acervo no LABPAR. Paralelamente, as atividades de campo se estenderam à veri-

ficação/registro de abrigo com arte rupestre nos contrafortes da Serra do Roncador (Campinápolis-MT). Este artigo apresenta considerações relativas a essas atividades.

1.1. PAISAGEM E POVOAMENTO DO LESTE DE MATO GROSSO

O leste do Estado de Mato Grosso apresenta planaltos e chapadas, em uma paisagem de transição do ambiente de cerrado ao de floresta amazônica. As áreas de cerrado se ampliam para o Mato Grosso do Sul, integrando o limite setentrional da Bacia do Paraná, bem como em sentido oeste - Estados de Goiás e Tocantins. Em sentido norte, expande-se o ambiente florestado amazônico.

Esse contexto oriental de Mato Grosso é drenado pela sub-bacia do Araguaia, integrante da Bacia do Tocantins. Nessa sub-bacia, destaca-se o afluente Rio das Mortes, em cujo alto curso configura-se o Ribeirão Sangradouro Grande – divisor dos municípios de Poxoréu e General Carneiro.

Assim como ocorria em vários segmentos do Brasil Central, a paisagem do leste do Estado de Mato Grosso foi alcançada, no século XVII, por bandeiras paulistas, apresadoras de índios para mão-de-obra e geradora de conflitos interétnicos. A partir do século XVIII, com a efêmera exploração do ouro, a área passou a ser amplamente alterada, em um processo semelhante ao transcorrido em Cuiabá. Posteriormente, entre 1805 e 1825, a Coroa Portuguesa liberou a mineração de ouro e de diamantes, fato que motivou a migração populacional advinda de Goiás, Minas Gerais, Bahia e Maranhão para o leste de Mato Grosso. Até 1960, um dos municípios mato-grossenses mais povoados era Barra do Garças, com atividade ainda concentrada, essencialmente, nessa exploração de ouro e de diamantes; a partir dessa década, novos fluxos migratórios foram atraídos, dentre outras razões, pela construção de Brasília e de rodovias interligando o Centro-Oeste à Amazônia, assim como por projetos de colonização do INCRA ou de empresas particulares. Dentre essas iniciativas particulares de colonização, a CONAGRO implementou, em território indígena, os projetos Água Boa, Kuluene e Nova Xavantina, os quais motivaram o deslocamento de índios Xavante, respectivamente, para as Terras Indígenas Areões, Parabubure, São Marcos e/ou Sangradouro, segundo Piaia (1997).

Os contatos dos Salesianos de Dom Bosco com os índios Bororo, no trabalho missionário em Cuiabá, iniciaram-se no ano de 1894. No ano seguinte, esses religiosos receberam, do então presidente do Estado de Mato Grosso, Manoel José Murтинho, a incumbência de direção da colônia Teresa Cristina, composta por cerca de 300 Bororo. Em 1902, dirigindo-se para leste, missionários salesianos estabeleceram a colônia do Sagrado Coração, na área bororo denominada Tachos. Posteriormente, em 1923, essa Colônia dos Tachos mudou-se para a atual Meruri. Face à relação conflituosa entre Xavante e Bororo, em 1956, um grupo de Xavante adoentados foi acolhido em Meruri e, depois, recebeu uma área bororo – atual aldeia São Marcos, segundo Bordignon (1987).

Tais contatos permanentes estabelecidos entre Salesianos e populações indígenas, possibilitaram a elaboração de publicações e constituição de amplo acervo etnográfico no Museu Regional Dom Bosco. A partir de 1967, incrementaram-se as pesquisas junto ao povo Xavante desenvolvidas, principalmente, por Pe. Bartolomeo Giaccaria, Me. Adalbert Heide e Pe. Georg Lachnitt.

O território bororo, segundo Bordignon (2001), estendia-se por mais de 400.000 km², entre o Rio Araguaia e a confluência dos rios Cuiabá e Paraguai/cabeceiras dos rios Jauru e Cabaçal, no sentido leste-oeste, e do rio das Mortes/cabeceiras do Paraguai e Cuiabá às cabeceiras dos rios Taquari, Coxim, Miranda e Aquidauana, no sentido norte-sul. Os impactos da mineração, desenvolvida em Mato Grosso a partir do século XVIII, resultaram na divisão dos Bororo em dois grupos, Orientais e Ocidentais, estes atualmente encontrados em aldeias nas proximidades do rio São Lourenço e no contexto dos rios Garças e Araguaia.

De acordo com Vietler (1989), as aldeias bororo, de permanência fixa, eram compostas por anéis concêntricos de *choupanas* ao redor de *choupanas* centrais – casas dos homens; haviam também os acampamentos para os curtos períodos de migrações sazonais nas estações secas.

Dentre os itens da cultura material, a cerâmica constitui-se em um dos principais elementos testemunhos das antigas ocupações.

A cerâmica bororo, descrita por Albisetti & Venturelli (1962), era fabricada por todas mulheres, a partir de argila preta com adição de cinzas, alisada com dedos e conchas; essa cerâmica caracteriza-se pelas tonalidades cinzenta a preta, e pelas bases esferoidais. Algumas dessas peças apresentam saliências laterais “à guisa de orelhas” e são primaciais do clã *Iwagúdu-dóge*.

No panorama étnico atual dessa região, destacam-se, conjuntamente, os Xavante. A história desse povo é marcada por migrações contínuas, como sintetiza Silva (1992). A área original dos Xavante era o litoral e, na primeira metade do século XVIII, encontravam-se em Goiás; fugindo do conflito com os não-índios, daí dirigiram-se para o contexto dos rios das Mortes, Araguaia e Tocantins, bem como Serra do Roncador, local onde já estavam na segunda metade do século XIX, segundo Giaccaria & Heide (1984).

De acordo com essa obra, o ambiente preferencial para estabelecimento de aldeias Xavante, originalmente em forma de ferradura voltada para o rio, é o das margens de um curso d’água maior em confluência com outro menor. A cerâmica Xavante era espessa, produzida com argila cinzenta clara, misturada a cinzas, casca de árvore raspada e incinerada, utilizando-se a técnica roletada, ou seja, a da sobreposição de roletes; o alisamento das superfícies era efetuado com o uso de pequenos seixos ou fragmentos de rocha, seguindo-se a aplicação de um banho de suco vegetal; as estatuetas de cerâmica eram feitas somente por homens. Quando o ferro ainda não era acessível a este povo, utilizavam-se lascas de sílex.

A fazenda em Sangradouro foi adquirida pelos Salesianos, em 1906, do Dr. Manoel dos Santos, de acordo com Corazza (1995). No início, essa fazenda visava reunir famílias Bororo e, a partir de 1957, foram acolhidos Xavante. Dessa forma, nas proximidades do sítio arqueológico Ribeirão Sangradouro Grande 1, encontram-se duas aldeias atuais: uma Bororo e outra Xavante.

Índios Xavante de Sangradouro reaproveitam, atualmente, fragmentos cerâmicos antigos – principalmente partes de paredes de curvatura menos acentuada, para a confecção de suas rodélas de

fuso. Outros vestígios arqueológicos, tais como as lâminas de machado polidas, também foram reutilizados pelos Xavante, segundo Pe. B. Giaccaria (com. pes.), no processo de ferimento das árvores para secagem e posterior queima.

Considerando-se que as características desse material cerâmico arqueológico são distintas daquelas etnograficamente conhecidas, suscitou-se a necessidade de reflexão acerca do processo histórico/arqueológico anteriormente transcorrido na área.

1.2. PANORAMA ARQUEOLÓGICO REGIONAL

A Arqueologia estuda o passado humano, enfatizando-se a análise de sua cultura material remanescente. Tendo em vista que as culturas possuíam uma estreita relação com seus respectivos ambientes, os dados da paisagem, tais como características dos locais selecionados para instalação, constituem-se em importantes referências para auxiliar nessa interpretação.

O atual conhecimento arqueológico de Mato Grosso é marcado por estudos localizados, destacando-se as pesquisas realizadas nos rios Vermelho e São Lourenço (Wust, 1990), no rio Paraguai (Migliácio & Wust, 1994), no contexto da Bolívia-rio Jauru ao rio Cuiabá (Martins & Kashimoto, 2000), em Jangada e Rondonópolis (Vialou & Vilhena-Vialou, 1990). Apesar dos 636 sítios arqueológicos já registrados nesse Estado de Mato Grosso, especificamente junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, existem extensas áreas onde ainda não foram realizados reconhecimentos arqueológicos: o contexto do ribeirão Sangradouro Grande era um deles.

Ao se rever o panorama arqueológico regional, observa-se que bandos de caçadores-coletores percorriam a região sob condições de aridez do final no Pleistoceno, tal como sugere a pesquisa em Jangada-MT. Entre 11.000 e 8.500 anos atrás, no sul de Goiás, caçadores-coletores produziram artefatos líticos plano-convexos, vestígios da ocupação denominada tradição Itaparica (Schmitz, 1993; 1999). Cabe observar que, em Arqueologia, *tradição* referencia o conjunto de

vestígios e técnicas que se mantiveram ao longo de um determinado tempo, em um espaço definido, configurando-se características de similaridade: a associação a etnias registradas pela etno-história pode ser avaliada após uma análise aprofundada dos vestígios e demais dados arqueológicos.

Há cerca de 1000 anos, iniciou-se a época *Holoceno*, caracterizada por mudanças ambientais associadas ao incremento das condições de umidade e temperatura, com a conseqüente ampliação da cobertura vegetal; conjuntamente, conjugaram-se mudanças culturais. Dentre os vestígios associados à caça de animais gregários em expansão, encontram-se pontas de projéteis líticas pedunculadas, bem como vestígios do incremento de coleta de moluscos terrestres e vegetais, caracterizando ocupações em abrigo sob rocha.

O relevo regional é abundante em escarpas que configuram esses abrigos, assim como cavernas e paredões rochosos. No município de Rondonópolis e Jangada encontram-se sítios com pinturas rupestres, pesquisados por Vilhena-Vialou & Vialou (1989), cujos resultados indicam ocupações de ceramistas há mais de 1000 anos atrás.

Em Mato Grosso do Sul, a presença de caçadores-coletores/pescadores, na transição do pleistoceno/holoceno-*optimum climaticum* é referenciada pelas datações: alto curso do rio Sucuriú - sítio MS.PA. 2 "Casa de Pedra": 10.090 ± 70 anos A.P. (8140 anos a.C.), 10.480 ± 70 A.P. (8.530 a.C.), 10.340 ± 110 A.P. (8390 a.C.), conforme Veroneze (1994); no rio Paraná, sítio Lagoa do Custódio 1: 4.230 anos A.P. (2280 a.C.) (Kashimoto & Martins, 2000; 2002); e no Pantanal, Ladário, 8200 anos A.P. (6.250 a.C.) (Schmitz, 1998).

De uma maneira geral, marcadamente entre 970 a.C. e o século X, manifestaram-se em abrigos sob rocha, na região central do território brasileiro, as primeiras culturas com técnica ceramista caracterizada por tigelas e potes com gargalo, superfícies lisas (preta, marrom e cinza ou com banho vermelho), caracterizando a denominada tradição arqueológica Una (Prous, 1992). Dentre as inferências estabelecidas em relação a esses assentamentos, destaca-se a da possibilidade de participação de grupos caçadores-coletores na constituição de tais povos ceramistas, em um processo de continuidade (Robrahn-González, 1996).

Segundo essa autora, ainda nos primeiros séculos da era cristã, outros povos agricultores ceramistas – denominados Tradição Aratu – cultivadores de milho, expandiram-se compondo aldeias anulares, próximos a cursos fluviais, ao longo de relevos suavemente ondulados do leste do Estado de Mato Grosso; dentre os vestígios dessa ocupação, destacam-se grandes urnas funerárias globulares. Brochado (1991) interpretou que esses sítios corresponderiam às ocupações de antepassados dos índios macro-jê, que se deslocaram da Amazônia em direção ao Planalto Central.

A partir do século X, todo o Brasil Central já estava ocupado por povos ceramistas, oriundos de “insumos culturais distintos”, passando por intensos contatos interculturais, segundo Robrhan Gonzalez (1996): o vale do Araguaia e Alto Tocantins constituía-se em uma zona de tensão, notando-se a expansão dos grupos ceramistas Uru sobre território outrora Aratu. Outros indicadores dessa tensão entre grupos culturais são, segundo essa autora, os sítios que passaram a apresentar traços de ambas as tradições, assim como indícios de contatos incipientes entre povos da tradição Tupi-guarani com os da Aratu.

Os sítios da tradição Tupi-guarani são de ocorrência dispersa no centro-oeste brasileiro, observando-se, de maneira generalizada, a existência de cerâmica tupi-guarani em sítio de outras tradições.

Essa autora considerou que, a partir dos séculos VIII e IX, notabilizou-se a expansão dos agricultores da tradição Uru no Brasil Central. Os sítios dessa tradição abrangem aldeias de formato anular, com variações linear ou circular, compostas por única concentração de material arqueológico; localizam-se, predominantemente, no cerrado e possuem assadores de cerâmica, fato que permite a inferência de dieta baseada, em parte, na mandioca tóxica, estimada como sendo de origem amazônica. Analisando o contexto mato-grossense do Rio Vermelho, Wust (1989) localizou sítios com vestígios de influências mútuas – Tupi-guarani e Bororo – considerando a possibilidade de, sob pressão da sociedade envolvente, ter havido influência da tecnologia cerâmica Tupi-guarani sobre a dos Bororo.

Considerando-se a forma de assentamento, a cronologia da cerâmica Uru, até o século XVIII, a mudança cultural no sistema de

abastecimento passou a se basear no milho, além de uma complexificação sócio-política e intensas redes de fluxo de informação. Wust (1990) estimou uma incorporação dos ceramistas Uru à sociedade Bororo: nesse processo, um segmento considerado como minoritário, detentor da tecnologia cerâmica Bororo, atualmente conhecida, teria se imposto sobre os da tradição Uru, ocorrendo empréstimos tecnológicos mútuos.

A continuidade das pesquisas arqueológicas poderá contribuir para a interpretação dos processos paleoetnográficos no leste do atual Estado de Mato Grosso.

2. DESENVOLVIMENTO DAS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NO LESTE DE MATO GROSSO

2.1. ARQUEOLOGIA DO SÍTIO RIBEIRÃO SANGRADOURO GRANDE 1

A partir da localização de fragmentos de cerâmica na propriedade da Missão Salesiana de Sangradouro, nos limite dos municípios de General Carneiro e Poxoréo, MT, informada pelo Pe. João Bosco Monteiro Maciel, com a intercessão de Pe. Georg Lachnitt, iniciou-se o desenvolvimento de um projeto de pesquisa apoiado pelo diretor dessa Missão, Pe. Augusto Issao Kian.

Esse projeto, intitulado “Arqueologia do sítio Ribeirão Sangradouro Grande 1”, abrangeu três etapas: vistoria da área, em outubro de 1999, que resultou no registro do sítio no IPHAN; primeira etapa de escavação arqueológica, em novembro de 2000; segunda etapa de escavação arqueológica, em julho/agosto de 2001; análise do acervo, em 2002.

Sítios arqueológicos: bens da união

Assim como as cavidades naturais subterrâneas, os sítios arqueológicos – locais que possuem vestígios indicativos de estabelecimento humano antigo - são bens da União e devem ser protegidos, com todos os testemunhos culturais pretéritos que nele se encontram, de acordo com a legislação vigente (Lei n. 3924 de 26.07.1961, Constituição Federal de 1988).

Assim sendo, a propriedade do terreno, regida pelo direito comum, não inclui o sítio arqueológico. Portanto, quaisquer intervenções a serem realizadas em um sítio arqueológico – sejam coletas de material arqueológico, escavações ou outras alterações locais – devem ser precedidas de autorização de pesquisa emitida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

Dessa forma, após o registro do sítio no banco de dados do IPHAN, o projeto de pesquisa *Arqueologia do Sítio Ribeirão Sangradouro Grande I - Missão Salesiana de Sangradouro*, coordenado por Emília Mariko Kashimoto, no âmbito do UCDB/MDB/LABPAR, foi aprovado pelo IPHAN, por meio da Portaria nº 56, de 24/20/2000, publicado no Diário Oficial da União de 25/10/2000.

Sítio arqueológico Ribeirão Sangradouro Grande 1

O sítio arqueológico *Ribeirão Sangradouro Grande 1* recebeu essa denominação em função de localizar-se na vertente da margem esquerda do ribeirão Sangradouro Grande. O local é referenciado pelas coordenadas geográficas 15°39'30"S / 53°54'44"W e UTM E187752 S8266687 (figura 1, foto 1).

Esse sítio possui dimensões típicas de uma antiga aldeia, abrangendo uma área estimada em 160.000 m², a qual foi inferida a partir do afloramento de material cerâmico e lítico na superfície do terreno. O gradeamento do solo, visando ao seu cultivo, ampliou a fragmentação das peças cerâmicas.

Em analogia com áreas próximas, pode-se observar que a implantação do sítio Ribeirão Sangradouro Grande 1 se dá, em média vertente e topo aplainado, às margens de curso fluvial de porte destacado em seu entorno. A localização desse sítio, próximo ao ribeirão, favorecia a obtenção de alimentos por meio da coleta, pesca e caça, assim como facilitava a obtenção de argila para a confecção de recipientes cerâmicos. Conjuntamente, a fertilidade do solo desse sítio testemunha a relevância da agricultura enquanto estratégia de subsistência do grupo pretérito.

A cobertura vegetal dessa área era de cerrado, em contato com a floresta que se desenvolvia ao longo dos cursos fluviais. Atualmente, a cobertura desse sítio é de pastagem, enquanto que o entorno apresenta cerrado aberto.

Objetivos da pesquisa

Considerando-se que a porção oriental do Estado de Mato Grosso é pouco conhecida no tocante à Arqueologia, a presente pesquisa objetivou a análise do sítio arqueológico Ribeirão Sangradouro Grande 1, visando subsidiar a interpretação do processo histórico e das relações entre culturas pretéritas e paisagem regional. Em conjunto, esta pesquisa visa contribuir no processo de revitalização da coleção arqueológica do Museu Dom Bosco, ampliando a interpretação acerca do significado do acervo regional e, dessa forma, proporcionando novos subsídios para a divulgação museológica e o desenvolvimento de uma consciência preservacionista do patrimônio arqueológico.

2.1.1. Pesquisa de campo

O enfoque tem caráter interdisciplinar, na medida em que retroalimenta dados oriundos da História Regional e Etnologia, das Geociências, dentre outras abordagens. Após a revisão bibliográfica, realizaram-se as atividades de campo abaixo descritas.

2.1.1.1. Reconhecimento do contexto do sítio

Considerando-se que o sítio arqueológico Ribeirão Sangradouro Grande 1 insere-se na propriedade da Missão Salesiana de Mato Grosso, onde se estabeleceram aldeias Xavante e Bororo, foram realizadas entrevistas junto aos representantes da população local, observando-se informações relativas à ocupação recente da área do sítio arqueológico.

Foram realizadas vistorias no entorno do sítio Ribeirão Sangradouro Grande 1, verificando-se a ocorrência de vestígios arqueológicos na margem fluvial oposta ao sítio.

Conjuntamente, efetuou-se um reconhecimento no entorno da cachoeira do Ribeirão das Malas, onde não foram observados vestígios de relevância arqueológica.

2.1.1.2. *Coleta sistemática de material arqueológico em afloramentos de superfície*

Os trabalhos de campo abrangeram a coleta sistemática de material arqueológico que aflorava em superfície, em uma área total de 400 m x 400 m. Para o registro da procedência do material coletado e a posterior análise de suas relações espaciais, o sítio foi quadriculado em áreas de 100 m².

A realização da coleta sistemática de superfície permitiu uma visualização da área total do sítio e de seu conteúdo cultural. Observou-se que a maior concentração de material cerâmico situava-se na média vertente, no setor próximo à atual rodovia BR-070.

Notou-se área de habitação marcada pela maior densidade de peças cerâmicas em solo mais escuro, de tonalidade acinzentada, que se distinguia do solo avermelhado do entorno.

2.1.1.3. *Delimitação da área a ser escavada*

Esse contexto próximo à rodovia - média e alta vertente do sítio Ribeirão Sangradouro Grande 1 - foi delimitado para escavação, devido à alta densidade de vestígios cerâmicos aí localizados (figura 2).

2.1.1.4. *Abertura de trincheira e áreas de decapagem*

A escavação objetivou registrar a distribuição espacial e a profundidade dos níveis arqueológicos, correlacionando estratigrafia e vestígios culturais.

Para tanto, as áreas de decapagem e trincheira foram escavadas retirando-se os sedimentos em camadas de 10 cm de espessura, acompanhada da observação da sua coloração e textura. Os sedimentos foram peneirados, para coleta de eventuais vestígios arqueológicos não observados nesta raspagem. O material arqueológico foi registrado por meio da anotação do nível estratigráfico em que se inseria e do metro da trincheira ou quadrícula da área de decapagem. Dimensiona-se, a seguir, a trincheira e as áreas de decapagem.

Escavação	Largura (m)	Comprimento (m)	Profundidade Máxima (m)
Trincheira 1	1,0	5,0	0,45
Área de decapagem 1 (foto 2)	2,0	5,0	1,15
Área de decapagem 2	2,0	12,0	0,20
Área de decapagem 3	2,0	5,0	0,20
Área de decapagem 4	3,0	7,0	1,30
Área de decapagem 5	3,0	3,0	0,20
Área de decapagem 6	5,0	9,0	0,40
Área de decapagem 7	2,0	2,0	0,20

2.1.1.5. Registro estratigráfico

A escavação da área de decapagem 1 evidenciou um horizonte cerâmico até 40 cm de profundidade. A partir daí, até 1,15 m, as camadas avermelhadas não possuíam vestígios culturais. Apresenta-se, a seguir, uma caracterização desse perfil.

Camada	Profundidade (cm)	Tonalidade (Munsell Soil Color Charts)		Horizonte Arqueológico/ Datações
1	0 a 10	7.5YR 4/3	brown	Cerâmico 850 ± 90 960 ± 100 anos A.D
2	10 a 20	5YR 3/4	dark reddish brown	Cerâmico 1130 ± 110 anos A.D
3	20 a 30	5YR 4/6	yellowish red	cerâmico
4	30 a 40	2.5YR 3/6	dark red	cerâmico
5	40 a 50	2.5YR 5/8	red	-
6	50 a 60	2.5 YR 4/8	red	-
7	60 a 70	2.5 YR 5/8	red	-
8	70 a 80	2.5 YR 5/8	red	-
9	80 a 90	2.5 YR 5/8	red	-
10	90 a 100	2.5 YR 4/8	red	-
11	100 a 115	5YR 5/6	yellowish red	-

A escavação permitiu observar que o horizonte cerâmico corresponde à camada enegrecida/transição para vermelha (quatro primeiras camadas), sendo que a concentração cerâmica, com eventuais ocorrências de líticos lascados, configura-se, principalmente, entre 0 e 30 cm de profundidade – horizonte afetado pelo gradeamento do solo. As camadas inferiores desse solo não apresentaram vestígios culturais, sugerindo a inexistência de horizontes pré-cerâmicos no local.

2.1.1.6. *Elaboração de cartas topográficas do sítio Ribeirão Sangradouro Grande 1*

O levantamento topográfico do sítio, realizado pelo Eng. Cartógrafo Mauro Issamu Ishikawa – Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP, permitiu a visualização espacial dos trabalhos de escavação arqueológica e de coleta de superfície (figuras 1 e 2).

2.1.2. **Pesquisa laboratorial**

2.1.2.1. *Tratamento inicial e registro do material arqueológico coletado*

O tratamento laboratorial das peças coletadas na pesquisa de campo abrangeu limpeza, numeração e acondicionamento das peças na reserva técnica do LABPAR/Museu Dom Bosco. Foram numeradas 11.166 peças, dentre fragmentos de cerâmica e líticos lascados.

Os fragmentos cerâmicos coletados possuem superfícies alisadas, com espessuras variadas. No conjunto, destacaram-se fragmentos de bordas e bases planas (foto 3). Alguns fragmentos de cerâmica apresentam decoração incisa e, em especial, destaca-se um fragmento com pintura em linhas vermelhas sobre engobo branco – decoração característica da tradição arqueológica tupiguarani.

No conjunto, destacaram-se outros materiais, tais como 124 peças líticas lascadas, uma lâmina de machado polida e quatro adornos (foto 4).

2.1.2.2. *Datações de material arqueológico*

Visando-se identificar a cronologia de ocupação do sítio Ribeirão Sangradouro Grande 1, amostras de fragmentos cerâmicos coletados na escavação desse sítio foram selecionadas e encaminhadas para o processamento de datações no Laboratório de Vidros e Datação da Faculdade de Tecnologia – FATEC/UNESP, sob a responsabilidade da Profa. Dra. Sonia Hatsue Tatumi.

Os resultados obtidos 850 ± 90 e 960 ± 100 anos A.P. referem-se à camada superficial, 0 a 10 cm de profundidade, afetada pelas queimadas. O terceiro resultado, 1130 ± 110 anos A.P., foi obtido em amostra coletada na profundidade de 10 a 20 cm, portanto, mais preservada nas interferências ambientais que podem ter afetado as amostras e, conseqüentemente, os resultados da datação.

2.1.2.3. *Guarda e curadoria museológica do acervo coletado*

A guarda/curadoria do acervo coletado é realizada no âmbito da UCDB/MDB/LABPAR, sob a responsabilidade da arqueóloga Emília Mariko Kashimoto.

2.1.2.4. *Análise do acervo*

A continuidade dos trabalhos abrangeu o desenvolvimento de plano de trabalho relativo à análise cerâmica do sítio Ribeirão Sangradouro Grande 1, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/UCDB – período 2001/2002, desenvolvido por Margarida Augusta de Almeida Bispo, acadêmica do curso de História da UCDB.

2.2. ARTE RUPESTRE NO LESTE DE MATO GROSSO

Partindo de informação fornecida pelo Pe. Guilherme Morales Velazquez, acerca da existência de abrigos com arte rupestre nas proximidades de Nova Xavantina, especificamente no município de Campinápolis-MT, efetuou-se uma visita aos contrafortes da Serra do Roncador, no período de 10 a 12/10/2001. A atividade objetivou contribuir para a contextualização cultural do Sítio Ribeirão Sangradouro Grande 1, no panorama arqueológico regional.

O estudo das gravuras rupestres identificadas nesse sítio foi desenvolvido por Liliam de Oliveira Vitorino, em um plano de trabalho do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica–PIBIC/UCDB, período 2001/2002.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas de campo e os trabalhos preliminares referentes ao conjunto de fragmentos cerâmicos e líticos, desenvolvidos no Laboratório de Pesquisas Arqueológicas do Museu Dom Bosco, permitem destacar características do sítio Ribeirão Sangradouro Grande 1:

- dentre o material cerâmico coletado, ressaltam-se fragmentos de bordas, de bases e de parede, além de bases de argila para sustentação de vasilha cerâmica; o material lítico abrangeu fragmentos, lascas, raspadores, quebra-coquinho sobre seixo, além de uma lâmina de machado polido fragmentada;
- a camada arqueológica configura-se desde a superfície até 40 cm de profundidade, abrangendo vestígios cerâmicos e líticos lascados;
- a escavação da área de decapagem 4, abrangendo uma concentração de vestígios cerâmicos, desde a superfície até a profundidade de 120 cm, sugere um sepultamento humano primário (diretamente no solo, sem deposição em urna cerâmica), dada a localização de adornos (pingentes líticos), instrumentos líticos, tais como facas e raspadores, além dos fragmentos de vasilhas decoradas;
- as características dessa estrutura da área de decapagem 4, além da predominância de peças com bases planas – assadores – indicam aldeia de agricultores ceramistas, associada à tradição arqueológica Uru;
- essa aldeia, dimensionada em 400 m x 400 m, ocupava a média vertente da margem esquerda do Ribeirão Sangradouro Grande, referenciada pela datação 1130 ± 110 anos A.P. (820 d.C. = século IX).

A presença de um fragmento cerâmico com características tupi-guarani coaduna com as observações anteriormente realizadas acerca dos complexos processos culturais entre grupos agricultores ceramistas

pré-coloniais no Brasil Central. Nesse ponto, destaca-se a hipótese de I. Wust, acerca de empréstimos tecnológicos, principalmente relativos à cerâmica, bem como a perspectiva de incorporação de grupos, tais como os Tupi-guarani e Uru, aos detentores da técnica cerâmica Bororo etnograficamente conhecida.

Com a continuidade das pesquisas, em âmbito regional, novos dados deverão se somar ao tratamento dessa problemática relativa aos processos pré-coloniais no Centro-Oeste brasileiro.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos que colaboraram para o desenvolvimento desta pesquisa e, em especial, a:

- Pe. José Marinoni, Pe. Giulio Boffi, Pe. Georg Lachnitt, Pe. Augusto Issao Kian, Pe. João Bosco Monteiro Maciel, Pe. Amércio Rezende de Oliveira, Pe. Guilherme Morales Velazquez, Pe. Bartolomeo Giaccaria, Me. Giovanni Menon, Me. Adalberto Heide, Irmã Rita Bramati, Irmã Maria Aparecida Santos, Irmã Hilda Guimarães Balbino, Sr. Francisco Santana da Costa, Sr. Osmair Ferreira da Costa, Joana da Costa – *MSMT/UCDB-Sangradouro*;

- Jorge Uiré Burūwé - *Aldeia Sangradouro*; Domingo Sávio Xavier de Melo Atugoreu, Candido Francisco da Silva, José Aniceto Xavier de Melo, Cristiano da Silva, Wilson Xavier de Melo Barú Boro Čereu – *Aldeia Bororo*.

Igualmente, agradecemos a Karen Gomes da Silva Rondelli e Fábio de Moraes Bezerra Menecozi (acadêmicos da UCDB, respectivamente dos cursos de Biologia e Geografia), pela participação nos trabalhos de campo e de laboratório desse projeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBISETTI, César; VENTURELLI, Ângelo J. *Enciclopédia Bororo*. Campo Grande: Museu Regional Dom Bosco, 1962. Publicação n. 1.

BORDIGNON, Mário. *Os Bororos na história do Centro-oeste brasileiro 1716-1986*. Campo Grande: MSMT/CIMI, 1987.

_____. *Roja e baile* - mudança cultural Bororo. Campo Grande: UCDB, 2001.

BROCHADO, José P. Um modelo de difusão da cerâmica e da agricultura no leste da América do Sul. *CLIO*, Recife, n. 4, p. 85-8, 1991.

CORAZZA, José. *Esboço histórico da Missão Salesiana de Mato Grosso*. Campo Grande: MSMT, 1995.

GIACCARIA, Bartolomeu; HEIDE, Adalberto. *Xavante povo autêntico*. 2. ed. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1984.

KASHIMOTO, Emília M. *Arqueologia do Sítio Ribeirão Sangradouro Grande I - Missão Salesiana de Sangradouro* (projeto de pesquisa). Campo Grande, 2000.

_____. Arqueologia do sítio Ribeirão Sangradouro Grande 1. *Resumos - SAB2001 A arqueologia no novo milênio*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 98, 2000.

KASHIMOTO, Emília M.; MARTINS, Gilson R. Panorama arqueológica da margem direita do rio Paraná, MS: do povoamento por caçadores-coletores a índios guaranis coloniais. *CLIO*, Recife, v. 1, n. 14, p. 299-317, 2000.

_____. Archaeology of the holocene in the upper Paraná river, Mato Grosso do Sul state, Brazil. *Quaternary International*, Pergamon/Elsevier Science Ltd., 2003. (No prelo).

LEGISLAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL. Goiânia: Universidade Católica de Goiás/Instituto de Pré-História e Antropologia, 1996.

MARTINS, Gilson R.; KASHIMOTO, Emília M. Datações arqueológicas em Mato Grosso do Sul. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo: USP n. 9, p. 73-93, 1999.

_____. Arqueologia do contexto do rio Jauru (MT) impactado pelo gasoduto Bolívia-Mato Grosso. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo: USP v. 10, p. 121-43, 2000.

MIGLIÁCIO, Maria C.; WÜST, Irmhild. *Averiguação de denúncias de destruição de sítios arqueológicos no município de Cáceres, Mato Grosso - Fazendas Facão e Ressaca*. Cuiabá: IPHAN, 1994. (Não publicado).

PIAIA, Ivane I. *Geografia de Mato Grosso*. Cuiabá: EdUNIC, 1997.

PROUS, André. *Arqueologia brasileira*. Brasília: UnB, 1992.

ROBRAHN GONZALEZ, Erika M. Os grupos ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste brasileiro. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo: USP n. 6, p. 63-121, 1996.

SCHMITZ, Pedro I. Caçadores e coletores antigos da região do cerrado. In: *Cerrado: caracterização, ocupação e perspectivas*. Brasília: UnB, 1993.

_____. Caçadores-coletores do Brasil Central. In: TENÓRIO, Maria Cristina (org.). *Pré-História da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999. p. 75-88.

SCHMITZ, Pedro I. et alii. Aterros indígenas no pantanal do Mato Grosso do Sul. *Pesquisas/Antropologia*, 54. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1998.

SILVA, Aracy L. Dois séculos e meio de história Xavante. 357-378. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). *História dos índios no Brasil*, São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura SP/FAPESP, 1992. p. 357-78.

VERONEZE, Ellen. *A ocupação do Planalto Central Brasileiro: o nordeste de Mato Grosso do Sul*. 1994. Dissertação (Mestrado em História, Área de Concentração em Estudos Ibero-Americanos) – Centro de Educação e Humanismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo-RS, 1994.

VIALOU, Denis; VILHENA-VIALOU, Águeda. *Relatório de Missão Brasil, 1º de julho - 1º de setembro de 1990*. Paris: Institut de Paléontologie Humaine, 1990. (Não publicado).

VIETLER, Renate B. A formação da sociedade Bororo: mitologia e considerações etno-históricas. *Revista de Antropologia*, São Paulo: USP, n. 29, p. 1-39, 1986.

_____. O estudo antropológico de aldeias indígenas no Brasil: estado atual de uma pesquisa entre os Bororo. *Dédalo*, São Paulo, n. 27, p. 47-64, 1989.

_____. A vaca louca: tendências do processo de mudança sócio-cultural entre os Bororo-MT. *Revista de Antropologia*, São Paulo: USP, n. 33, p. 19-32, 1990.

VILHENA-VIALOU, Águeda; VIALOU, Denis. Art rupestre dans des abris-habitats préhistoriques du Mato Grosso, Brésil. *Ars Praehistorica*, Barcelona: Auja, t. 7, n. 7, p. 347-56, 1989.

WÜST, Irmhild. A pesquisa etnoarqueológica entre os Bororo do Mato Grosso. *Arquivos do Museu de História Nacional*, Belo Horizonte: UFMG, v. VIII/IX, p. 285-96, 1983/84.

_____. Arqueologia e etnoarqueologia Bororo. *Revista de Antropologia*, São Paulo: Universidade de São Paulo, n. 30/31/32, 1987/88/89, p.21-35, 1989.

_____. *Continuidade e mudança: para uma interpretação dos grupos pré-coloniais na Bacia do rio Vermelho, Mato Grosso*. 1990. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

_____. Etnicidade e tradições ceramistas: algumas reflexões a partir das antigas aldeias Bororo do Mato Grosso. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n. 3, p. 303-17, 1999. Suplemento.

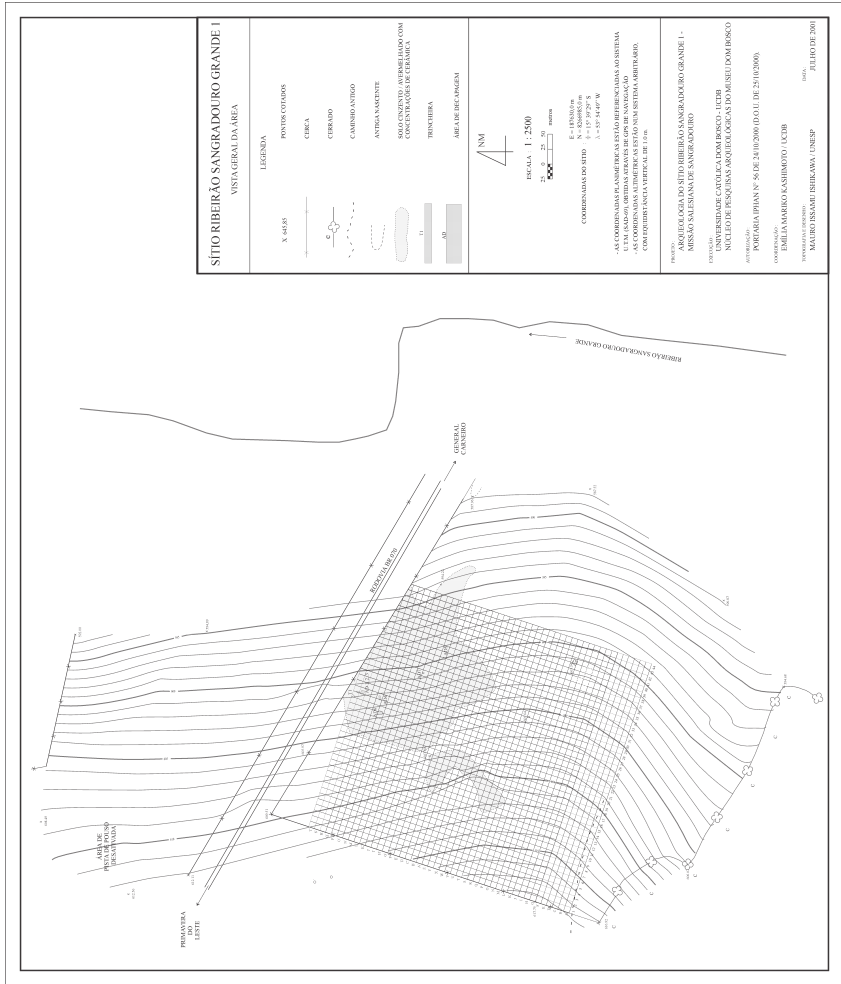


Figura 1: Sítio Ribeirão Sangradouro Grande I.

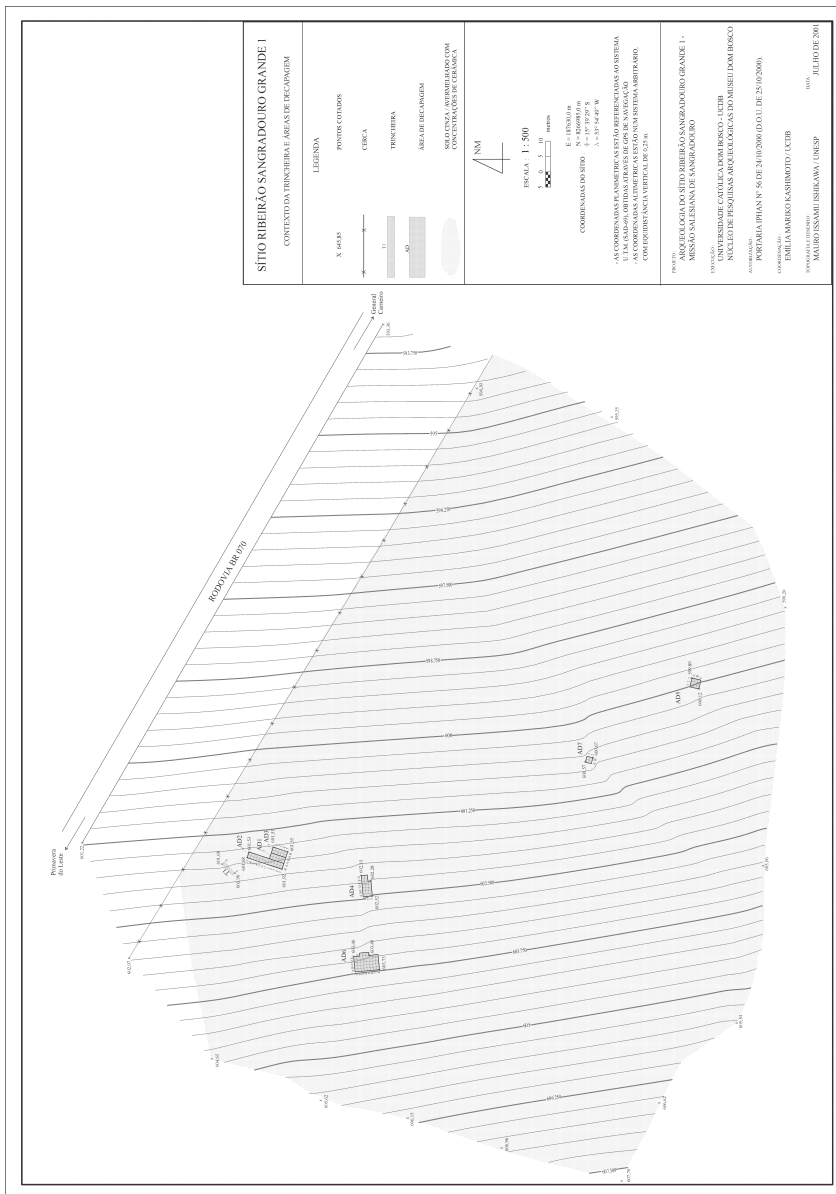


Figura 2. Sítio Ribeirão Sangradouro Grande I - área de escavação.



Foto 1: Sítio arqueológico Ribeirão Sangradouro Grande 1.



Foto 2: Sítio Ribeirão Sangradouro Grande 1 - área de decapagem 1.

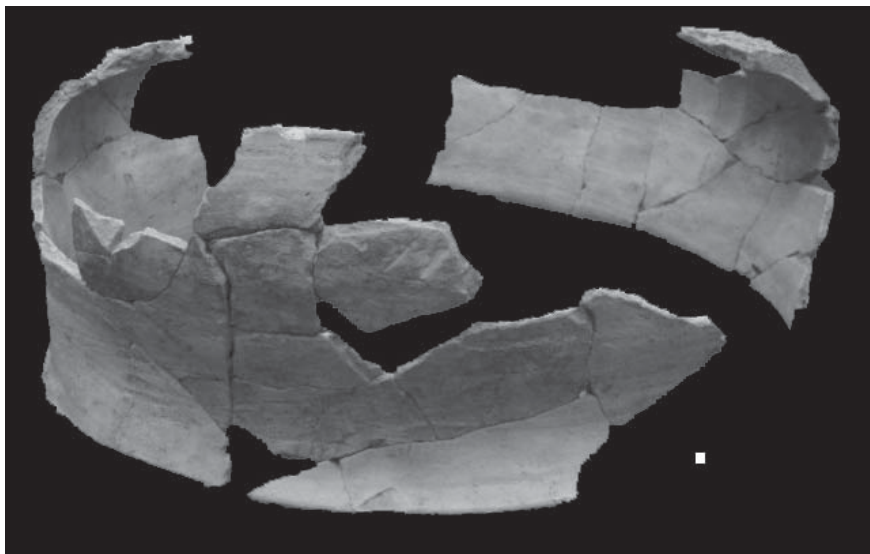


Foto 3: Vasilha de cerâmica de base plana.



Foto 4: Pingentes líticos.